

**DISCURSOS MARGINAIS EM OBRAS DE SACOLINHA E JOÃO MELO: A CONTEMPORANEIDADE DO PASSADO COLONIAL NAS LITERATURAS BRASILEIRA E ANGOLANA**

**MARGINAL DISCOURSES IN SACOLINHA AND JOÃO MELO'S WORKS: THE CONTEMPORANEITY OF THE COLONIAL PAST IN BRAZILIAN AND ANGOLAN LITERATURE**

*Ana Lucia Liberato Tettamanzy<sup>1</sup>*

*Bruna Borges de Almeida<sup>2</sup>*

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.143343

**RESUMO:** Este trabalho pretende analisar dois livros: *Os marginais e outros contos* (2013), de autoria do angolano João Melo; e *Estação Terminal* (2010), de autoria do brasileiro Sacolinha. Tais livros apresentam contos que engendram narrativas a respeito do presente problemático que rememora e revive o passado colonial sem gerar esperanças positivas para o futuro. Tal análise busca, através do estudo do espaço literário (BRANDÃO, 2013) e da verificação do tom ideológico do discurso (FOUCAULT, 1996) que

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS –, professora associada do Instituto de Letras UFRGS e coordenadora do grupo de pesquisa Letras e Vozes Anticoloniais.

<sup>2</sup> É aluna de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa Pós-Colonialismo e Identidades, área de Estudos de Literatura.

esboça a construção de identidade (HALL, 2004) do sujeito do discurso, a reflexão acerca do colonialismo e suas facetas – colonialidade do poder, do saber e do ser (QUIJANO, 2000) – manifestadas na experiência literária e na epistemologia (MIGNOLO, 2013) que advém dela.

**ABSTRACT:** This article intends to analyze two books: *Os marginais e outros contos* (2013) written by the Angolan author João Melo, and *Estação Terminal* (2010) by the Brazilian author Sacolinha. Such books present short stories that produce narratives about the problematic present that recalls and revives the colonial past while it does not generate positive hopes for the future. This analysis seeks to make a reflection about the colonialism and its facets – coloniality of power, knowledge and being (QUIJANO, 2000) – manifested in the literary experience and in the epistemology (MIGNOLO, 2003) that comes from it. To achieve this aim, I utilize the study of literary space (BRANDÃO, 2013) and the verification of the ideological tone of the discourse (FOUCAULT, 2013) that outlines the construction of identity (HALL, 2004) of the subject of discourse.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura marginal; Colonialidade; Discurso anticolonial.

**KEYWORDS:** Marginal literature; Coloniality; Anticolonial discourses.



O colonialismo português empreendido em Angola e no Brasil, não obstante as diferentes durações e peculiaridades sócio-históricas, deixou marcas que se manifestam na configuração social de ambos os países. Tal herança determina o momento presente a ponto de encontrarmos, nas literaturas contemporâneas desses países, a narrativa de uma experiência colonial que se mantém, dada a condição de colonialidade constantemente reelaborada. A leitura que propomos parte do entendimento de que o passado colonial interfere na atualidade de Brasil e Angola a partir da condição colonial vigente no sistema-mundo na forma de colonialidade do poder (QUIJANO, 2000), que pode ser observada nas narrativas literárias por meio da caracterização dos personagens, dos espaços em que circulam, das ações das quais são sujeitos e objetos, e das referências temporais que permeiam a narrativa. A leitura que propomos parte do entendimento de que o passado colonial interfere na atualidade de Brasil e Angola a partir da condição colonial vigente no sistema-mundo na forma de colonialidade do poder (QUIJANO, 2000) que pode ser observada nas narrativas literárias por meio da caracterização dos personagens, dos espaços em que circulam, das ações das quais são sujeitos e objetos, e das referências temporais que permeiam a narrativa.

Observar o espaço literário como focalização (BRANDÃO, 2003), isto é, como perspectiva narrativa, implica observar a relação que os personagens estabelecem com os

espaços da narrativa. Essa relação revela o tom ideológico de enunciação de personagens e narradores. De modo geral, tanto a prosa de Sacolinha como os contos de João Melo engendram, a partir da abordagem do espaço social periférico, um discurso anticolonial, ou, segundo Mignolo, um “pensamento liminar”, isto é, “a constituição de um novo sujeito epistemológico que pensa a partir das e sobre as fronteiras” (MIGNOLO, 2003, p. 159).

Estas obras têm em comum o locus de enunciação periférico de seus personagens e narradores, embora Melo aborde a situação de Angola como periferia em contexto internacional e Sacolinha concentre o olhar sobre a periferia urbana brasileira. Tais representações colocam em evidência um padrão de colonialidade contemporâneo. Aníbal Quijano, ao esboçar os conceitos de modernidade e colonialidade, descreve a amplitude do padrão de poder contemporâneo instaurado, como um sistema, com o avanço da colonização e do capitalismo:

*En primer término, el actual patrón de poder mundial es el primero efectivamente global de la historia conocida. En varios sentidos específicos. Uno, es el primero donde en cada uno de los ámbitos de la existencia social están articuladas todas las formas históricamente conocidas de control de las relaciones sociales correspondientes [...]. Dos, es el primero donde cada una de esas*

*estructuras de cada ámbito de existencia social, está bajo la hegemonía de una institución producida dentro del proceso de formación y desarrollo de este mismo patrón de poder. Así, en el control del trabajo, de sus recursos y de sus productos, está la empresa capitalista; en el control del sexo, de sus recursos y productos, la familia burguesa; en el control de la autoridad, sus recursos y productos, el Estado-nación; en el control de la intersubjetividad, el eurocentrismo. Tres, cada una de esas instituciones existe en relaciones de interdependencia con cada una de las otras. Por lo cual el patrón de poder está configurado como un sistema. Cuatro, en fin, este patrón de poder mundial es el primero que cubre a la totalidad de la población del planeta. (QUIJANO, 2000, p. 214)*

## **A OBRA DE SACOLINHA**

No que se refere à obra de Sacolinha, um escritor não canônico da literatura brasileira, propomos que a inserção das produções literárias de escritores “marginais” no panorama literário nacional pode ser melhor compreendida tomando a teoria dos Polissistemas de Even Zohar (1990), que amplia a noção sobre o sistema literário. Zohar considera, por exemplo, que tanto produtores como consumi-

dores de literatura podem mover-se em diferentes níveis de atividades, e define o sistema literário como uma ampla rede de relações que compõe um conjunto de “observáveis” assumidos, quais sejam: instituição, repertório, produtor, consumidor, mercado e produto. Dessa forma, é possível compreender a existência de diferentes circuitos no campo literário brasileiro.

Regina Dalcastagnè, ao estudar a produção literária das grandes editoras brasileiras entre 1990 e 2004, verifica, entre outras constatações, a predominância de autores homens e brancos, bem como a recorrência de representações que acabam por invisibilizar a figura de negros e negras. Percebe-se, dessa forma, uma considerável lacuna no que diz respeito à autoria e representações de grupos subalternos na literatura brasileira contemporânea publicada pelas maiores editoras do país. Concomitantemente, começam a surgir e se tornar cada vez mais visíveis, em grandes cidades brasileiras, iniciativas culturais e literárias, como os saraus, feiras de hip hop e editoras ou publicações individuais independentes, o que, de certa maneira, ilustra a amplitude de relações no sistema literário preconizada por Evan Zohar.

Érica Peçanha do Nascimento, em sua tese publicada em livro sob o título *Vozes marginais na literatura* (2009), traz à tona a produção literária de que teve notícia nas feiras de hip hop da cidade de São Paulo. A autora analisou as edições da Revista *Caros Amigos* (de 2001, 2002 e 2004)

que traziam, sob o comando editorial do escritor Ferréz, contos de diversos autores independentes que se definiam como “marginais”. O estudo de Érica Peçanha descreveu esse novo circuito literário, protagonizado por sujeitos periféricos, que está em relação tensa e dinâmica com um sistema literário instituído como oficial; e discutiu o conceito de marginalidade tendo em vista outros momentos em que o termo ganhou destaque na historiografia literária brasileira. Alejandro Reyes chama a atenção para o posicionamento crítico e engajado dessa produção urbana e popular, que “valoriza formas de vida ignoradas, folclorizadas ou criminalizadas pelos discursos hegemônicos e pela mídia” (2013, p. 48) e que faz uso extensivo das novas tecnologias de comunicação não só para compartilhar criações num circuito alternativo como para denunciar situações de violência e demais arbitrariedades.

Tais escritos periféricos, contudo, ainda não foram amplamente analisados tomando como viés seu discurso anticolonial que questiona instituições de poder de matriz colonial vigentes ainda hoje e que evoca a ancestralidade africana como componente cultural expressivo das periferias brasileiras. Dessa forma, o presente estudo trata de uma obra brasileira que amplia as possibilidades de autoria, recepção e representações, diversificando as perspectivas que o texto literário pode apresentar. O autor, Sacolinha (como assina Ademiro Alves), é natural da cidade de São Paulo, onde fundou a Associação Cultural Literatura do Bra-

sil, que visa ao incentivo à leitura e à divulgação de novos escritores. Também já foi organizador de rádio comunitária, em que apresentava programa sobre rap. Sua atuação como escritor independente e agente cultural na periferia de São Paulo já confere certa aura de marginalidade à sua obra, que, assim como a produção de escritores como Sérgio Vaz ou Ferréz, circula com maior contundência em um circuito extra canônico, marcado pela dinâmica do polissistema.

Regina Dalcastagnè (2008) chama a atenção para o fato de não haver, no campo literário, uma pluralidade de perspectivas sociais:

*O campo literário reforça esta situação, através de suas formas de consagração e de seus aparatos de leitura crítica e interpretação. [...] a valorização sistematicamente positiva de uma forma de expressão, em detrimento de outras, faz da manifestação literária o privilégio de um grupo social. A exclusão das classes populares não é, obviamente, algo distintivo da literatura, mas um fenômeno comum a todos os espaços de produção de sentido na sociedade. Uma segunda questão, então, se impõe: o que se perde com isso? Perde-se diversidade. (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 81)*

Num viés mais contundente ainda, Alejandro Reyes

situa na subversão de vocabulário e sintaxe e na corporalidade e conceitos do escritor Allan da Rosa as razões da incompreensão que sua fala provoca nas “estruturas do edifício conceitual que orienta a visão de mundo – e dá sentido ao próprio lugar nesse mundo – dos pensadores representantes do “erudito no universo cultural brasileiro” (2013, p.159). Assim, mais do que abrir o leque de sua visada para a diversidade, a crítica literária precisa de novas categorias e atitudes para “desaprender o privilégio teórico”, algo que o mediador subalterno/periférico/marginal realiza naturalmente porque “transita em seu cotidiano, como forma de sobrevivência, por uma pluralidade de mundos coexistentes e simultâneos. No seu caso, o limite é outro: sua capacidade de resistir a (sic) internalização das categorias e da escala de valores dominantes” (REYES, 2013, p. 159).

Considerar a obra de Sacolinha, portanto, implica não apenas observar a condição periférica que o autor ocupa com relação ao cânone literário brasileiro devido ao seu lócus de enunciação enquanto escritor, implica lidar com um foco narrativo e um perfil de personagem ou de linguagem pouco visível na criação literária e pouco compreensível pelo arcabouço intelectual do mediador tradicional da classe média e mesmo do intelectual dos estudos subalternos. Sacolinha publicou *Estação Terminal* em 2010 com o apoio do Governo do Estado de São Paulo, através do Programa de Ação Cultural, iniciativa da Secretaria de Cultura. O autor destaca que sua narrativa se passa entre os anos de 1995

e 2006, o período de 12 anos em que ele próprio trabalhou como cobrador no terminal de metrô que é cenário das suas histórias. Ao ressaltar que, embora o cotidiano da Estação Terminal tenha sido por ele vivenciado, o livro é uma ficção, Sacolinha (2010, p. 10) explica que “é necessário recontar literariamente para dar espaço e voz aos vencidos”, o que já explicita sua intenção em trazer pontos de vista de sujeitos que vivem os conflitos urbanos do transporte em um bairro periférico da cidade de São Paulo.

*Estação Terminal* é um romance fragmentado em pequenas histórias<sup>3</sup> que compõem uma paisagem comum aos distintos personagens: o Terminal Itaquera, estação de metrô da cidade de São Paulo, constitui o espaço onde convivem prostitutas, catadores, ciganos, mendigos, ambulantes, perueiros, taxistas, seguranças, motoristas, cobradores, além dos próprios passageiros. Partes da narrativa são destinadas especialmente aos fatos diversos que marcaram esse lugar, a partir da apresentação objetiva de mudanças de ação do poder público municipal de São Paulo que interferiram diretamente na rotina do local. Contudo, o leitor tem também a possibilidade de conhecer a história do lugar a partir das experiências de diferentes sujeitos que por ele circulam e com ele mantém relações.

---

<sup>3</sup> O autor faz uma subdivisão em partes e capítulos, apresentando separadamente histórias de personagens e a história do Terminal Itaquera e do transporte alternativo. Tal divisão, contudo, não prejudica a percepção de identidade entre os sujeitos e o espaço.

O próprio autor explica a construção da sua obra com base nos personagens que têm vínculos com o Terminal: “o romance é permeado pela vida de sete protagonistas: Pixote, Gago, Mastrocolo, Maria José, Cadeirinha, Arilson e Helton Lima” (SACOLINHA, 2010, p. 9). O primeiro personagem apresentado ao leitor é Sávio, adolescente de quatorze anos que está em seu primeiro dia de trabalho e é “batizado” pelos colegas com práticas de constrangimento diversas. O menino representa o que acontece de modo geral com novatos que ingressam no Terminal, já que “toda criança, adolescente ou jovem que chega para trabalhar como cobrador no universo clandestino é batizado, querendo ou não” (SACOLINHA, 2010, p. 15). Em seguida, somos apresentados a Pixote, fiscal de lotação na linha em que Sávio trabalhará, descrito como um malandro de vinte e dois anos de idade e praticante de pequenos furtos. No fragmento seguinte, é apresentada a história de vida de Pixote: filho de um casal de criminosos, entregue para adoção e por fim morador de rua que desenvolveu a habilidade de roubar. Pixote passa a trabalhar no Terminal Itaquera após ter contato com Gago, outra personagem central. Gago é natural de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, e passa trabalho para sustentar a família na capital paulista.

Uma das histórias mais impactantes é a de Mastrocolo:

*Na verdade foi preso injustamente, sendo obri-*

*gado, debaixo de pauladas, a confessar crimes de que não foi autor. Passou por pau-de-arara, choque elétrico nos testículos, foi amarrado e pendurado em arame farpado. Perdeu dois dedos da mão, além de ter três unhas arrancadas com alicate. Depois foi estuprado por vários presos. (SACOLINHA, 2010, p. 31)*

O personagem tem o destino trágico após ser abordado por policiais enquanto ouvia e contava histórias junto de três amigos em volta de uma fogueira na rua durante a noite. A descrição da cena caracteriza o ato de extrema violência policial em uma abordagem tipicamente preconceituosa, o que denuncia um problema social real: a vulnerabilidade da juventude brasileira predominantemente negra residente das periferias urbanas. Dessa forma, a narrativa apresenta como foco o locus de enunciação periférico de personagens que, a partir de suas caracterizações e ações, apresentam uma postura contra-hegemônica com relação ao padrão de poder vigente na forma de colonialidade.

Por fim, o narrador comenta a construção de um shopping próximo ao Terminal que modifica completamente a rotina do local e as relações de identidade que se mantinham ali:

*O Terminal Corinthians-Itaquera encerrou seus anos de agitação, cumprindo apenas o papel de*

*um terminal.*

*O espaço onde se passa essa história passou a ser frio como o ferro e o concreto que o sustentam.*

*Ninguém nunca mais ouviu um canto alegre do Bem-Te-Vi, só aquela melodia triste, que dói no coração da gente. (SACOLINHA, 2010, p. 143)*

Tal caracterização do espaço permite que seja verificada inclusive na voz do narrador a presença da focalização do espaço periférico, uma vez que a narrativa expõe as mudanças ocorridas no terminal a partir do ponto de vista de quem convivia naquele espaço.

## **A OBRA DE JOÃO MELO**

Assim como no Brasil, em Angola também é evidente uma produção artística que pauta a situação de sujeitos periféricos tanto quanto à exclusão social como ao entrecruzamento de culturas que compõem suas identidades na era colonial e posteriormente a ela. João Melo, ao publicar *Os Marginais e outros contos* (2013), comenta que os marginais de que trata em seu livro são os “marginais do processo histórico”, o que o aproxima, em alguns aspectos, da construção narrativa de Sacolinha.

Aníbal João da Silva Melo é o nome completo do escritor João Melo, com carreira literária relativamente vasta,

publicando, desde a década de 1980, poemas, contos e um ensaio jornalístico. Em *Os Marginais e outros contos*, temos narrativas que denunciam a colonialidade do poder que coloca o país como periferia em escala global e sustém as desigualdades internas promovidas pelos revolucionários de outrora que tomaram o poder e não tiveram êxito na realização de sua utopia. A obra é composta por sete contos que esboçam a posição marginal de Angola no cenário mundial a partir de um processo de colonização que, embora tendo sido oficialmente extinto da sociedade angolana com a independência da nação, influencia diretamente o presente, uma vez que a utopia de muitos angolanos que lutaram pela independência do país foi transformada em frustração.

O conto “Esplendor e frustração” caracteriza bem esse ponto crucial. O protagonista, Dombaxi, é um jovem que seguiu carreira militar durante as guerras angolanas e que abandonou as forças armadas para trabalhar na reconstrução do país diretamente, em uma empresa de construção civil. Já mais velho, acaba demitido da empresa e chega a conclusões que o levam aos sentimentos que dão título ao conto:

*A pátria tinha-se transformado, mas apenas invertera os termos da perversa equação que mantinha os homens e as mulheres reféns da lógica de dominação, milenar e contumaz, que estava inscrita no seu DNA histórico. [...] A his-*

*tória, implacável, tinha-se encarregado de tornar absurdas e inúteis as esplendorosas afinidades do passado. A fim de legitimar o presente, alguns não hesitavam em refazer o próprio passado. [...] Assim, o futuro, ao invés de um destino branco, parecia um enorme buraco negro, pelo qual, em último caso, todos seriam engolidos. (MELO, 2013, p. 71-72)*

Frente à constatação frustrante com relação à história de Angola, Dombaxi não vislumbra um futuro promissor ao país. O personagem demonstra estar ciente do que podemos chamar de sobreposição da colonialidade do poder – novas elites locais mantêm hegemonia ocidental, estrutura sistêmica do padrão de poder, conforme descrito por Quijano (2000) – e o pior, o ser colonizado não consegue retomar “as esplendorosas afinidades do passado” neste contexto.

O primeiro conto apresentado ao leitor, “Trinta e cinco anos”, também traz um personagem desconfortável quanto à história da nação. Trata-se de um encontro de amigos que defendiam ideais revolucionários ao tempo da Independência colonial e que se afastaram com o passar dos trinta e cinco anos posteriores. O narrador da história parece ser o único a estar desconfortável e com sentimento de que o jantar dos amigos comentando o passado de forma trivial pode ser uma forma de alienação:

*Unia-nos o futuro e não o passado. O que, dramática e infantilmente, esquecemos é que o futuro não acontece como simples e mera consequência do tempo: é construído violentamente pelo presente, o qual, muitas vezes, não hesita em mistificar, adulterar ou elidir o passado. O presente é sempre truculento. (MELO, 2013, p. 25)*

A concepção que o narrador tem sobre o momento presente e a sucessão histórica do país define seu olhar crítico para o futuro. Esse futuro, em contrapartida, depende do presente. Em outras palavras, o narrador nos diz que o que mais une aquele grupo de revolucionários não é o sonho que não concretizaram, é a trivialidade com a qual o rememoram de forma acrílica.

Essas concepções apresentadas no discurso literário de João Melo corroboram estudos de intelectuais sobre a condição de periferia de Angola e do continente africano em escala global. De acordo com Kwame Nkrumah (2012) o neocolonialismo é um problema africano contemporâneo visível sobretudo a partir da política de balcanização internacional, que busca manipular o continente através do enfraquecimento dos ideais de nacionalidade e da promoção da dependência econômica e política em nível internacional. Dessa forma, o autor defende que o neocolonialismo atua em encoberto. Ao se propor a escrever sobre “os marginais

do processo histórico”, João Melo vê Angola à margem do sistema modernidade-colonialidade.

Nesse sentido, a identificação de um discurso anticolonial na obra de Melo vem de uma perspectiva pós-colonial que não busca tratar de discursos posteriores ao processo histórico colonial, mas de discursos que mostram perspectivas em resposta à condição colonial ainda presente em estruturas de poder da hierarquia social e na anulação de cosmovisões e epistemologias não-europeias. Tal discurso é observável na tomada de posições de diferentes personagens. Ao longo da obra temos constantemente exposta a oposição de perspectivas sobre a história de Angola e seus obstáculos do presente, sobretudo nos contos “Trinta e cinco anos”, “Esplendor e frustração”, “Dialética e poder” e “Os marginais”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo aqui apresentado compõe uma pesquisa que não se esgota na análise se alguns contos ou alguns fragmentos do romance. O que se constata a partir dessa leitura é que os escritores – Sacolinha e João Melo –, seus narradores e personagens apresentam uma visão crítica do processo colonial e da permanência de sua condição. Através do discurso de diferentes personagens e narradores é possível observarmos o questionamento a alguns padrões de colonialidade: a desigualdade na configuração das gran-

des cidades brasileiras, a exemplos do retrato literário que temos de São Paulo; e a exploração das elites, a corrupção sistemática dos postos de governo e das grandes empresas agentes do ideal de desenvolvimento, a exemplo do retrato literário que temos de Luanda, capital de Angola.

Ambos os escritores denunciam condições de colonialidade presentes em seus países. No caso de João Melo, temos desnudada a situação de Angola contemporânea abalada por conflitos que não se resolveram com a independência do país, mas se revestiram de novas formas de opressões sociais viabilizadas sobretudo pela elite do país, muitas vezes composta pelos próprios revolucionários que pretendiam livrar a nação da opressão colonial, mas acaba por reproduzi-la em formato atualizado: a colonialidade.

Na medida em que entendemos a temática questionada como estreitamente vinculada ao passado colonial, é possível afirmar que os discursos literários dos escritores estudados se configuram como discursos anticoloniais contemporâneos, a exemplo, inclusive, da nomenclatura que o próprio colonizador português usava para acusar os escritores angolanos que faziam uma literatura de denúncia social e se opunham ao regime colonial. Tais discursos não trazem visões positivas de futuro, uma vez que Sacolinha acaba seu romance lamentando a mudança da configuração espacial e cultural do Terminal Itaquera, que garantia emprego de muitos sujeitos marginalizados, e João Melo apresenta personagens frustrados com relação à percep-

ção histórica sobre o país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Luis Alberto. *Teorias do Espaço Literário*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Fapemig, 2013.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. *El Giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Iesco-Pensar-Siglo del Hombre Editores, 2007.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. n. 26, 2005.

\_\_\_\_\_ (Org.). *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. Vinhedo: Horizonte, 2008.

EVEN- ZOHAR, Itamar. *El sistema Literario*. Tradução de Ricardo Bermudez Otero. Primavera, 1990, p. 27-44.

FERRÉZ. Terrorismo literário. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Literatura Marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

MELO, João. *Os Marginais e outros contos*. Alfragide: Editorial Caminho, 2013.

\_\_\_\_\_. *Filhos da Pátria*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Vozes marginais na literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

NKRUHMAH, Kwame. O neocolonialismo em África. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (org.). *Malhas que os Impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 2012.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. *Journal of World-Systems Research*, vol. 6, n. 2, p. 342-386, 2000.

REYES, Alejandro. *Vozes dos porões: a literatura periférica/marginal do Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SACOLINHA. *Estação Terminal*. São Paulo: Nankin; Secretaria de Cultura, 2010.

SCHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*. Tradução de Mário Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

Submissão: 08/02/2018

Aceite: 08/05/2018